

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DIRETORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO: MÉTODOS E TÉCNICAS DE ENSINO**

Cláudia Freitas Franco Barbosa

DISLEXIA: DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NA ESCOLA

MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO

MEDIANEIRA

2014

Cláudia Freitas Franco Barbosa



DISLEXIA: DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NA ESCOLA

Monografia apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Especialista na Pós Graduação em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino - Polo UAB do Município de Paranavaí Modalidade de Ensino a Distância, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR – Câmpus Medianeira.

Orientador(a): Prof. Rogério Eduardo Cunha de Oliveira

EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA

MEDIANEIRA

2013



TERMO DE APROVAÇÃO

DISLEXIA: DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NA ESCOLA

Por

Cláudia Freitas Franco Barbosa

Esta monografia foi apresentada às 22h do dia 02 de abril de 2014 como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista no Curso de Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino - Polo de Paranavaí, Modalidade de Ensino a Distância, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Câmpus Medianeira. O candidato foi arguido pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho APROVADO.

Prof. Rogério Eduardo Cunha de Oliveira
UTFPR – Câmpus Medianeira
(orientador)

Prof. Dr. André Sandmann
UTFPR – Câmpus Medianeira

Prof^a. Dr^a. Ivone Teresinha Carletto de Lima
UTFPR – Câmpus Medianeira

- O Termo de Aprovação assinado encontra-se na Coordenação do Curso-.

AGRADECIMENTOS

A Deus pelo dom da vida, pela fé e perseverança para vencer os obstáculos.

Aos meus pais, pela orientação, dedicação e incentivo nessa fase do curso de pós-graduação e durante toda minha vida.

Ao meu marido, meu grande incentivador, que esteve sempre ao meu lado nesta jornada.

Às minhas filhas, pela compreensão que demonstraram nas horas que estive ausente, obrigada pelo seu amor.

Agradeço aos professores do curso de Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino, professores da UTFPR, Câmpus Medianeira.

Agradeço aos tutores presenciais e a distância que nos auxiliaram no decorrer da pós-graduação.

Enfim, sou grata a todos que contribuíram de forma direta ou indireta para realização desta monografia.

“Talvez não tenhamos conseguido fazer o melhor, mas lutamos para que o melhor fosse feito. Não somos o que deveríamos ser, não somos o que iremos ser, mas Graças a Deus, não somos o que éramos.”(*Martin Luther King*)

Resumo

FREITAS, Claudia Franco Barbosa. Dislexia: dificuldades de aprendizagem na escola. 2014. 26 folhas. Monografia (Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2014.

A presente pesquisa relata a importância do diagnóstico precoce da dislexia em alunos das séries iniciais do ensino fundamental. Definida como sendo um distúrbio ou transtorno de aprendizagem na área da leitura, escrita e soletração, encontrada geralmente no início da alfabetização, a dislexia causa grandes prejuízos ao desenvolvimento da criança e é uma realidade entre muitos estudantes. Teve-se como objetivo geral levantar informações acuradas sobre a Dislexia, a fim de proporcionar subsídios para um diagnóstico precoce sobre esse distúrbio em sala de aula. Para tanto, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, pela qual buscou-se agrupar as principais publicações acerca dessa temática, com o intuito de alcançar os objetivos aqui propostos. A revisão bibliográfica foi delimitada nos últimos dez anos de publicações. Ao final dessa pesquisa, chegou-se à consideração de que é possível um diagnóstico precoce em sala de aula pelos docentes, contanto que exista uma intervenção adequada desses profissionais aos alunos, sendo indispensável que os professores tenham esclarecimentos sobre as principais formas de intervenção com os alunos, bem como, que se conheçam as habilidades necessárias para o desenvolvimento da leitura e da escrita, a fim de associa-las às atividades relacionadas ao processamento fonológico da linguagem, realizadas no contexto escolar.

Palavras-chave: Distúrbios de aprendizagem. Dislexia. Estratégias. Didática.

ABSTRACT

FREITAS, Claudia Franco Barbosa. Dyslexia: learning difficulties in school . 2014. 26 folhas. Monografia (Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2014.

The present study reports the importance of early diagnosis of dyslexia in students from early grades of elementary school . Defined as a disorder or learning disability in the area of reading , writing and spelling , usually found in early literacy , dyslexia causes great harm to the child's development is a reality among many students . Had as main objective to raise accurate information about Dyslexia , to provide subsidies for early diagnosis of this disorder in the classroom . Therefore, a literature review , in which we sought to group the main publications on this subject , in order to reach the objectives proposed here was performed . The literature review was delimited in the last ten years of publications . At the end of this research , came up for consideration that an early diagnosis is possible in the classroom by teachers , provided that a suitable intervention exists these professionals to students, and it is essential that teachers have clarification on the main forms of intervention with students , as well as knowing the necessary for the development of reading and writing skills in order to associate them with related phonological processing activities carried out in the school context .

Keywords: Learning disorders. Dyslexia. Strategies. Didacticism.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA	11
3. REVISAO DE LITERATURA	12
3.1 DISLEXIA: UM DISTÚRPIO DE APRENDIZAGEM	12
3.2 OS SINTOMAS DE DISLEXIA?.....	14
3.3 O PROFESSOR E O ALUNO DISLÉXICO	15
3.4 O ALUNO E O AMBIENTE ESCOLAR	17
3.5 ABORDAGENS DE ENSINO COM ALUNOS DISLÉXICOS	20
3.6 DIAGNÓSTICO, INTERVENÇÕES E ESTRATÉGIAS.....	22
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	26
5. REFERÊNCIAS	28

1 INTRODUÇÃO

Nas escolas geralmente se encontram crianças com dificuldades de aprendizagem. Muitas vezes, elas apresentam falta de motivação para o desempenho de certas atividades pedagógicas, se incomodam com as tarefas por se sentirem incapazes de realizá-las e acabam se frustrando. Entretanto, nessa pesquisa, partiu-se do pressuposto de que uma criança com necessidade de aprendizagem pode ter um desenvolvimento satisfatório.

A dislexia está muito presente nas escolas e é importante ressaltar que nem todos os professores estão preparados para identificar a dificuldade de aprendizagem de uma criança, podendo com isso agravar a situação do aluno, levando a uma maior falta de motivação ou desinteresse.

Entre os distúrbios, existe o chamado “dislexia”: um distúrbio de aprendizagem específico da linguagem; normalmente é caracterizada pela dificuldade de codificar as palavras consideradas simples para idade dessa criança, despontando, com isso, outros problemas inerentes à leitura, escrita e à soletração (LYON 2003).

Sabe-se que esse distúrbio é genético e hereditário, e que apresenta vários problemas, principalmente na fase escolar. A criança disléxica pode apresentar pouca atenção, atraso no desenvolvimento da fala, dificuldade de aprender canções e rimas, problemas na coordenação motora e desinteresse (VARELLA, 2011).

A fase escolar é considerada a mais propícia e também a mais fácil para um diagnóstico eficaz. Esse distúrbio de aprendizagem pode ser identificado precocemente, por meio de um trabalho multidisciplinar, com o auxílio de profissionais capacitados e específicos. Quanto mais cedo for identificado esse distúrbio, melhor será para o tratamento e desenvolvimento dessa criança, contribuindo, inclusive, para o seu alívio pelo fato de a criança não ficar exposta nem rotulada por alguns adjetivos pejorativos, tais como preguiçosa e desatenta.

Para ler com eficiência, a criança necessita dominar as técnicas de reconhecimento das palavras, de modo que possa aplicá-las de maneira automática e instantânea. No entanto, a maioria dos alunos disléxicos apresenta

dificuldade no domínio dessas técnicas de compreensão textual devido às suas limitações no reconhecimento das palavras.

Portanto, com esta pesquisa buscou-se proporcionar possibilidades de tratamento da dislexia logo nos primeiros anos de vida escolar, proporcionando maiores possibilidades de desenvolvimento desses alunos. Parte-se do pressuposto de que o desconhecimento, ou mesmo a falta de preparo de muitos professores, tornam suas práticas pedagógicas inaptas para lidar com alunos com dislexia. Buscou-se informações para chegar ao aprofundamento sobre o tema Dislexia em estudos de autores especialistas, visando oportunizar aos futuros leitores dessa pesquisa condições de minimizar os transtornos causados pelo atraso e pela dificuldade manifestados no aprendizado da leitura e da escrita.

Esse trabalho teve como objetivo de pesquisa, analisar os distúrbios de aprendizagem relacionados à leitura, bem como suas consequências para o desenvolvimento da escrita, visando a um diagnóstico precoce da dislexia, propondo-se, com isso, auxiliar o trabalho em sala de aula com informações e sugestões, tanto aos profissionais que atuam com alunos disléxicos, como aos próprios familiares e aos alunos com tal transtorno.

Para a construção deste trabalho foi realizada uma pesquisa bibliográfica com o objetivo de adquirir informações sobre o distúrbio dislexia esclarecendo causas e possíveis tratamentos, visando levantar, entre as principais publicações nos últimos dez anos, algumas estratégias e caminhos para que seja feita a identificação precoce da dislexia.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Para a construção deste trabalho foi realizada uma pesquisa bibliográfica com o objetivo de adquirir informações sobre a dislexia: os significados desse distúrbio, suas causas e os possíveis tratamentos para a amenização deste distúrbio que tanto afeta a aprendizagem do indivíduo em sua fase escolar.

No que diz respeito à natureza dessa pesquisa caracteriza exploratória bibliográfica e delimitou-se o estudo nos últimos 10 anos. Foi realizado levantamento bibliográfico a respeito do tema proposto em jornais eletrônicos, revistas, livros, monografias, dissertações e teses. Pesquisou-se, para isso, obras de autores como Coelho (2011), Lanhez (2002), Gomes (2010) e Varella (2014). Investigou-se os seguintes os tópicos a respeito da dislexia: o que é distúrbio de aprendizagem; os sintomas da dislexia; o professor e o aluno disléxico; o aluno e o ambiente escolar; principais abordagens de ensino com alunos disléxicos

Foram revisadas obras que retratam o cotidiano escolar, objetivando proporcionar auxílio ao professor a superar as dificuldades encontradas em sala de aula, já que são muitos os desafios presentes nas práticas docentes no processo de ensino e aprendizagem. Também, buscou-se compreender melhor o papel da família e as contribuições que ela pode dar ao aprendizado e à superação do aluno frente à dislexia, visando, com isso, uma prática educativa eficaz, que promova o desenvolvimento das aprendizagens do aluno disléxico e, assim, ter um aprendizado prazeroso e não excludente.

3 REVISÃO LITERÁRIA

3.1 DISLEXIA: UM DISTÚRBIO DE APRENDIZAGEM

A etimologia da palavra dislexia vem do grego, ‘*diz*’ (distúrbio) e ‘*lexia*’, (linguagem). Os primeiros profissionais que se interessaram pelo problema do distúrbio da dislexia foram os oftalmologistas, os quais concluíram que “não são os olhos que leem, mas o cérebro” (COELHO, 2011).

Dentre os primeiros pesquisadores a estudar a dislexia foi Samuel T. Orton (apud Lak, 2004) um neurologista que trabalhou inicialmente em vítimas de traumatismos. Orton, em 1925, conheceu o caso de um menino que não conseguia ler e que apresentava sintomas parecidos aos das vítimas de traumatismo. Pesquisou essa dificuldade concluiu que havia uma síndrome que não era relacionado a traumatismos neurológicos que provocava também problema na aprendizagem eleitura.

Ele atribuiu o nome dessa condição de *strephosymbolia* (‘símbolos invertidos’), baseado na especial característica do disléxico pesquisado que era a de inverter letras, sílabas ou palavras. Assim passou a descrever sua teoria a respeito de indivíduos com dislexia.

É na infância que essa dificuldade desponta e ela está relacionada a um distúrbio no reconhecimento e orientação das letras e de sua sequência ou significação nas palavras. Entretanto, a percepção visual e a orientação espacial dos sujeitos disléxicos permanecem intactas (ORTON, 1925).

Outros profissionais, da área da medicina, começaram a questionar o porquê de algumas pessoas hábeis em diferentes atividades, com boa inteligência, apresentavam grande dificuldade em ler e escrever. Pesquisadores, como Gomes (2010), definem a dislexia como sendo uma “desordem na aprendizagem da leitura”, e que, entretanto, tais pessoas possuíam padrões de inteligência normais, ou seja, sem deficiências sensoriais, que não apresentam comprometimentos emocionais e que possuem condições emocionais favoráveis.

A partir de então, essa temática passou a ser muito debatida no meio educacional – lugar onde, atualmente, muito se discute sobre esse distúrbio e, também, contexto onde mais se evidencia as pessoas com dislexia.

Os prejuízos são vários para uma pessoa que convive com essa dificuldade sem um tratamento adequado, ou pior, cujo distúrbio não é diagnosticado, torna-se um peso para muitas crianças, que, por vezes, acabam sendo taxadas de preguiçosas, quando na verdade não são. Geralmente, são alunos que se esforçam mas não conseguem obter êxito, conforme afirma Guerra (2002, p.15).

Nesse sentido, Gomes afirma (2010, p. 3):

Muitos alunos sentem dificuldade no momento de aprender algo e quando esses obstáculos não são identificados, de alguma forma a serem sanados acabam virando uma bola de neve.

Quando a aprendizagem não se desenvolve conforme o esperado para criança, para os pais e a escola ocorre dificuldade de aprendizagem.

Distúrbio ou dificuldade de aprendizagem é um termo que se refere a um grupo heterogêneo de desordem que se manifesta por dificuldades significativas na aquisição e na utilização da compreensão auditiva da fala, da leitura, de escrita e do raciocínio matemático. Tais desordens consideradas intrínsecas ao indivíduo podem ser devida a uma disfunção do sistema nervoso central e podem perdurar durante toda a vida (GOMES, 2010, p.140).

No Brasil, segundo informação da Associação Brasileira de Dislexia, o tratamento atinge 0,5% a 17% da população em todo o mundo e pode continuar na vida adulta do indivíduo com esse distúrbio (VARELLA, 2014).

Infelizmente, é possível que existam muitos outros disléxicos em nosso país que não foram diagnosticados por falta de conhecimento dos profissionais, principalmente professores, ou falta de encaminhamentos corretos. Alguns docentes não foram nem estão preparados para detectar esse problema e encaminhar seus alunos, inicialmente, à equipe pedagógica e interdisciplinar de sua escola ou do município. Em lugar disso, os alunos são tratados como “os preguiçosos ou desatentos que não aprendem a ler e escrever corretamente”.

As principais características dessa dificuldade de aprendizagem na leitura são: dificuldade de leitura e escrita, trocas de letras, letra ruim ou mal escrita, lentidão na leitura e, conseqüentemente, na escrita. No entanto, os disléxicos ouvem e enxergam normalmente, se destaca em outras atividades como música, desenho, pintura, eletrônica, mecânica, esportes, dentre outras. Já no desempenho escolar apresentam mais dificuldade, justamente por ter a leitura comprometida.

É importante esclarecer que o dislético têm condições naturais para contornar suas dificuldades, para resolver tudo que passa pelo concreto e que envolve os sentidos.

Também, vale ressaltar que a dislexia pode afetar pessoas de qualquer contexto social, independentemente da condição econômica, racial ou cultural. A diferença é que numa família rica, a facilidade para iniciar precocemente um diagnóstico e tratamento é bem maior do que numa família menos favorecida economicamente. Ocorre também que umas famílias são mais esclarecidas que outras e, portanto, encaminharão seus filhos com dificuldades de aprendizagem aos profissionais (psicólogos neurologistas ou psicopedagogos). Geralmente, as crianças naturais de famílias pobres acabam levando tal problema para a vida adulta, sem ter recebido qualquer tratamento.

Portanto, ao contrário do que muitos pensam a dislexia não é consequência de uma má alfabetização, desmotivação, ou baixa inteligência.

Ainda não se encontrou a cura para a dislexia, mas tem tratamento e o processo é longo. É necessário persistência e indispensável, para se ajudar no processo de tratamento, uma equipe multidisciplinar, formada por professores, pedagogos, psicólogos, psicopedagogos e fonoaudiólogo. É fundamental para os disléticos não apenas conviver, como também superar essa dificuldade (JANJACOMO, 2013, apud PIRES; PIZA).

3.2 OS SINTOMAS DA DISLEXIA

Os principais sintomas do distúrbio dislexia são: inconstante desempenho, lentidão em desenvolver as tarefas de leitura e escrita, dificuldades em soletração, trocas de escrita de leitura, junções e aglutinação de fonemas, omissões de letras ou fonemas, dificuldade em associar o som ao símbolo, dificuldade com a rima, dificuldade em associações, como por exemplo, de rótulos aos seus produtos (LANHEZ, 2002).

O dislético se destaca com alguns sintomas ainda na infância quando apresenta atraso no desenvolvimento motor, dificuldade na fase de engatinhar, sentar e andar, na aquisição da fala e pronúncia de palavras, dificuldade em

entender o que está ouvindo, problemas como alergias, infecções e também pode apresentar-se com hiper ou hipo atividade motora, dificuldade de adaptação nos primeiros anos letivos. Estes e outros sintomas são frequentes no indivíduo portador de dislexia. decifratória:

O disléxico, em geral, faz uma leitura lenta e confunde letras, omite ou acrescenta letras ou palavras, inverte o sentido das letras ou sílabas, inventa, pula linhas, perde-se nas linhas, entre outros sintomas próprios desse distúrbio. Esses fatores impedem a compreensão adequada da leitura e produzem uma tensão emocional na criança que a impede de desfrutar ou extrair experiências prazerosas da leitura e da escrita .

O reconhecimento da palavra é fundamental para uma boa leitura. Isso demanda domínio dos elementos fonéticos e estruturais das palavras, silabação e aquisição de um amplo vocabulário visual. Diante disso, é fundamental o preparo e a atualização dos conhecimentos por parte dos professores. Se o professor estiver desatualizado ou, pior, se não tiver conhecimento de causa, dificilmente auxiliará a suprir as necessidades apresentadas pelas crianças que têm distúrbio de leitura.

Portanto, outro fator determinante para o desenvolvimento da aprendizagem da leitura é reconhecer o papel do docente nesse contexto.

3.3 O PROFESSOR E O ALUNO DISLÉXICO

Na escola, sempre houve disléxicos, e muitas vezes, os alunos com esse distúrbio não foram e não são ensinados nem tratados da maneira necessária. Em vez de uma abordagem pedagógica favorável, o que o aluno acaba recebendo é, em alguns casos, conteúdos e metodologias não condizem com essas crianças e, assim, suas dificuldades de aprendizagem tendem a se intensificar e perpetuar. De modo geral, o que ocorre é uma excessiva cobrança sobre essas crianças por parte dos docentes e, infelizmente, em determinadas situações, são humilhadas por conta de mau desempenho apresentado em forma de notas baixas.

Franzen *et al* (2006) afirma que é função da escola ampliar a experiência humana, e que a escola não pode se limitar ao que é significativo para o aluno, mas,

também, deve criar situações de ensino que propicie o aprofundamento da experiência e dos campos de significação do estudante.

Garcia (1998) traz importante contribuição para o trabalho pedagógico ao afirmar que, no ambiente escolar, o importante é trabalhar com intervenção nas habilidades de leitura associada a atividades relacionadas ao processamento fonológico da linguagem. Tais atividades devem ser estimuladas na linguagem escrita de forma lúdica através de jogos e brincadeiras para que a criança sinta prazer em escrever. Todas essas atividades de estimulação da linguagem escrita podem ser realizadas de forma lúdica, através de jogos e brincadeiras. Isso auxilia o despertar do prazer pela leitura e escrita na criança.

Do ponto de vista do desenvolvimento e da construção de significados, só pode ser significativo para o indivíduo aquilo que possa ser associado às suas experiências vivenciadas anteriormente. O disléxico precisa ouvir e olhar atentamente, observar os movimentos da mão quando escrever e prestar atenção aos movimentos da boca quando se fala, de maneira que a criança disléxica associará a forma escrita de uma letra tanto com seu som como com os movimentos, porque falar, ouvir, ler e escrever é atividade da linguagem. Isso deve estar muito claro para o professor que trabalha com aluno disléxico em sala de aula.

Professor e escola têm que motivar o encorajamento do aluno, atender e respeitar as capacidades e os limites da criança, estar informados para amparar a criança em sua dificuldade.

A escola, por sua vez, deve primar pelo preparo contínuo dos seus profissionais, sobretudo do professor, para que o mesmo tenha melhores condições de trabalhar com alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem, especialmente o distúrbio da dislexia. É fundamental que o docente tenha conhecimento de causa para ter condições de apoiar a criança em sala de aula.

Além disso, o professor precisa desenvolver em sua sala de aula um clima de paciência para com seus alunos, para que as crianças possam ter tempo suficiente para cumprir suas tarefas. Do contrário, o trabalho em sala de aula para os alunos, passa a ser visto como penoso entediante e sem sentido.

O despreparo do professor pode gerar nesse aluno isolamento na sala e nos demais ambientes da escola, além de não proporcionar ao aluno motivação para se expressarem. O aluno com dificuldade de aprendizagem geralmente apresenta

dificuldade e resistência em se expor frente aos demais colegas. Além do mais, para eles, a figura do docente é tida como autoritária e dominadora.

Conforme Freire (2005, p.91) o professor deve dar liberdade para seu aluno se expressar, pois é dialogando que o aluno poderá conhecer-se, estar mais próximo do outro e transpor suas dificuldades. Entretanto, o que se vê na prática, muitas vezes, é o professor tratando a criança de maneira a dificultar sua aprendizagem, considerando que o mesmo tem o dever de aprender de forma como os outros aprendem.

Outro importante papel do professor frente aos alunos com dificuldades de aprendizagem é conscientizar toda a comunidade escolar. Certas abordagens podem parecer formas de “facilitação” dadas aos disléxicos. Na verdade, é uma forma que a criança tem de administrar igualmente suas aptidões, seus potenciais, suas condições psicomotora e cognitiva, juntamente com seus colegas.

Pequenas ações podem fazer com que a criança se sinta segura, querida e aceita pelo professor, pelos colegas e pela comunidade escolar. Normalmente, elas têm uma história de fracassos e cobranças que as fazem sentirem-se incapazes.

Para motivar o aluno, é necessário tanto simples esforços por parte dos professores como também, é necessário aprofundamento no assunto. Não se deve ter receio de apoiar ou dar atenção redobrada; isso não irá acomodar o aluno, nem fazê-lo sentir-se menos responsável.

O professor também deve lembrar-se de manter parceria com os familiares desse aluno disléxico. A família pode e deve estimular seus filhos em casa, através de leituras, iniciando com narração de histórias infantis, estimulando com brincadeiras do tipo jogos de rimas, que ajudam na consciência fonológica, jogos com letras e desenhos. Isso faz com que a criança passe a se familiarizar com a escrita e leitura (JARDINI, 2003,p169).

3.4 O ALUNO E O AMBIENTE ESCOLAR

Geralmente é na escola que o distúrbio da dislexia é detectado. Algumas crianças revelam essas dificuldades em outros ambientes, mas nenhum deles se compara à escola, onde a escrita e a leitura são muito utilizadas e valorizadas. É

nesse ambiente que crianças apresentam suas dificuldades de aprendizagem e, muitas vezes, é ali que elas se sentem incapazes, isso porque são tratadas de maneira diferente dos demais colegas da sala pelo professor.

Quando o ambiente não cria uma sintonia com o mundo da criança, buscando superar suas dificuldades de aprendizagem, os alunos disléxicos tendem a desenvolver comportamentos negativos perante os demais colegas, pois se sentem humilhados pelos outros e passam a ter vergonha de perguntar, se fecham, sentem-se indefesas e o desenvolvimento fica comprometido.

Esse fato também é visto com frequência no contexto familiar, onde a criança é chamada pelos membros da família de burra e outros adjetivos negativos. Cada vez mais elas se fecham, ficando inseguras e deixam de acreditar nelas mesmas, na sua capacidade de aprender e, com isso, acabam não tendo a devida motivação para estudar e aprender.

Segundo Garcia (2012), pode existir rejeição em virtude da cor da pele, etnia. Os professores devem aproveitar e ensinar os alunos da importância da convivência universal sem preconceitos.

Conforme Lopes afirma (2005) os relacionamentos interpessoais positivos e o desenvolvimento acadêmico estão correlacionados ao desempenho dos alunos e que eles precisam sentir-se apoiados para poderem ter melhores aproveitamentos e ocorrer, de fato, a aprendizagem.

De acordo com Oliveira (1998 apud SOUZA, 2002) “a afetividade no ambiente escolar exerce profunda influência sobre o desenvolvimento intelectual da criança, podendo promover aceleração do ritmo da aprendizagem”. Muitas mudanças e inovações de todo tipo ocorreram na sociedade atual e continua acontecendo de forma surpreendente. A escola também precisa acompanhar essas mudanças, buscando respeitar a individualidade de cada aluno, a fim de proporcionar uma educação inclusiva. Isso acarretará num envolvimento entre direção escolar, coordenação e equipe docente, contando com a parceria das famílias. “A educação inclusiva deve ser destinada a todos os alunos” (STAINBACK, 1999, p. 21).

Garcia (1998), por sua vez, traz importante contribuição para a reflexão acerca do trabalho pedagógico ao afirmar que, no ambiente escolar, o importante é trabalhar com intervenção nas habilidades de leitura, associada a atividades relacionadas ao processamento fonológico da linguagem. Tal atividade deve ser

estimulada na linguagem escrita de forma lúdica—através de jogos e brincadeiras para que a criança sinta prazer em escrever.

Os familiares exercem papel fundamental em parceria com a escola, sendo extremamente necessário que a escola busque promover essa aproximação entre família e educação. “A escola pode motivar a família a estimular seus filhos com leituras, estimulando com brincadeiras e jogos, que ajudam na consciência fonológica. Isso faz com que a criança passe a se familiarizar com a escrita e leitura” (JARDINI, 2003, p 8).

Macedo (1994, p. 185) afirma que a família é um grupo social pequeno, composto por indivíduos relacionados uns aos outros em razão de fortes laços de lealdade e de afetos recíprocos, ocupando um lar em conjunto que persiste por anos e décadas. Portanto, é fundamental que o professor oriente a família, pois ela é indispensável parceira para o desenvolvimento do aluno com dislexia.

Ainda, com relação ao apoio familiar, um importante documento internacional que muito influenciou a Educação Inclusiva, o chamado “Declaração de Salamanca” (1994, página 04), a qual reforça que a participação da família é necessária para a garantia dos direitos das crianças portadoras de necessidades educacionais especiais: “Os Pais são importantes associado às necessidades educativas especiais de seus filhos, e a eles deve ter o compromisso e a escolha possível do tipo de educação que deseja que seja dada a seus filho”.

Ainda, segunda consta na Declaração de Salamanca, as necessidades educativas especiais devem ser compartilhadas pelos pais e professores, começando primeiramente pelos pais e, depois, pela escola, com uma postura que favoreça a integração de ambos, com o intuito de acolher os alunos com necessidades educacionais.

Os conteúdos metodológicos, por sua vez, devem contemplar os mais diversos recursos, quer sejam auditivos, visuais – como a utilização de livros infantis – e estes podem ser trabalhados em forma de dramatizações, rodas de leitura, e brincadeiras (brincar, por exemplo, com sons e palavras para estimular a consciência fonológica da criança) e, assim, contribuir para a estimulação do pensamento e da linguagem como imitações de sons que ajuda a desenvolver a discriminação auditiva (JOSE; COELHO, 2000).

Todas as atividades de estimulação da linguagem verbal e não verbal escrita ou não, podem ser realizadas de forma lúdica, através de jogos e brincadeiras. Isso auxilia o despertar do prazer pela leitura e escrita na criança.

3.5 ABORDAGENS DE ENSINO COM ALUNOS DISLÉXICOS

Algumas mudanças nas práticas pedagógicas podem promover o desenvolvimento de alunos com diagnóstico de dislexia. Essas mudanças podem garantir plenamente aos discentes seus direitos, respeitando suas dificuldades e limitações.

Quando se fala em mudança pedagógica, há que se refletir nos seguintes pontos:

- Toda reflexão crítica em sua prática pedagógica deverá gerar no professor uma mudança em seu contexto escolar, favorecendo transformações no cotidiano de alunos disléxicos e, também, dos outros alunos de forma geral;
- A incorporação de novas técnicas de trabalho torna o ensino mais dinâmico, motivador e interessante ao aluno e ao professor, modificando, assim, os resultados no desempenho escolar;
- Uma ação integrada entre direção, educadores e equipe de orientação pedagógica tem mostrado desdobramentos favoráveis para a escola e tem contribuído para uma qualidade de trabalho melhorada para o acompanhamento dos alunos disléxicos;
- Oferecer oportunidades para os disléxicos apresentarem seus potenciais e talentos resulta em benefícios para todos.

Ainda assim, há muito por aprender e muito por fazer. Cada aluno disléxico tem suas particularidades e cada indivíduo é único, exigindo novas experiências.

Para Santos (2012 p.10), "existem crianças com dislexia, mas são a minoria, pois a maioria dos disléxicos que são designados , não aprendem por

faltar nas escolas propostas e condições educacionais de ensino, apropriadas para os alunos com essa dificuldade”

Gomes (2012, p.10) ainda coloca que:

Muitas dessas crianças chegam até nós como portadoras de deficiências de aprendizagem ou como carência das culturas, que necessitam “estimulação” de habilidades que são consideradas como “pré-requisitos”. Podemos afirmar que em sua grande maioria, essas crianças, longe de apresentarem distúrbios de aprendizagem ou culturais, estão sofrendo as consequências de políticas econômicas, sociais e educacionais que as impedem de ter acesso a certos bens culturais, dentre eles a escrita.

Uma reflexão sobre a dislexia a fim de, nos posicionarmos com objetivo de garantir-lhes direitos e espaço, respeitando suas dificuldades e respeitando suas limitações:

Buscar mudanças através de uma reflexão crítica na prática pedagógica tem mudado o contexto escolar, fazendo-se modificar o cotidiano de alunos disléxicos e dos outros alunos de forma geral.

Alguns professores têm incorporado novas técnicas de trabalho que em conjunto tornam-se mais dinâmicas, motivadoras e interessantes e assim modificando sua prática pedagógica, ações integradas entre a direção, educadores e equipe de orientação pedagógica tem mostrado desdobramentos favoráveis para a escola e tem contribuído para uma qualidade de trabalho melhorada para o acompanhamento dos alunos disléxico. Oferecendo assim oportunidades para os disléxicos apresentarem os seus dons resulta em benefícios para todos.

Ainda assim, há muito por aprender e muito por fazer. Nossas certezas não são definitivas. Cada aluno disléxico tem suas particularidades e cada indivíduo é único exigindo novas experiências .

Nas avaliações mais solicitadas a equipe multidisciplinar deve confirmar ou descartar todas as possibilidades antes de diagnosticá-la. Testes cognitivos, memória auditiva e visual, inteligência, orientação, fluência verbal, discriminação auditiva e visual e testes com novas tecnologias são as mais solicitadas.

A comunidade educativa precisa se manter informada permanentemente a respeito do assunto, buscando maneiras de ajudar o aluno, divulgando e dividindo informações é possível melhorar o seu desempenho escolar. A escola deve estar

atualizada buscando informações sobre os eventos que tratam do assunto e os resultados adquiridos em suas experiências.

Não há necessidade de classe especial para alunos disléxicos, este aluno tem muito a oferecer e a receber de seus colegas. “A troca de experiências entre eles possibilitam crescer sentimentos de amizade e solidariedade” (MIRANDA, 2008, p.04).

Assim sendo, torna necessária a busca de informações e melhor interação entre os profissionais da escola para um melhor convívio entre as partes envolvidas.

3.6 DIAGNÓSTICO, INTERVENÇÕES E ESTRATÉGIAS

O fonoaudiólogo precisa conhecer as dificuldades e habilidades que a criança apresenta no processo do diagnóstico com a finalidade de orientar os professores e assim mesmo para um tratamento eficaz utilizando estratégias que possibilitam a melhoria do uso das funções e habilidades da linguagem no desempenho das tarefas feitas pelas crianças que exigem escritas e leitura (BERBERIAN, 1995; WIPPEL e FADANELLI, 2003 p158).

A dislexia é consequência de uma má formação cerebral encontrada na área junto ao processamento fonológico. A criança disléxica geralmente possui um histórico de algum membro da família também disléxico. Nem sempre é possível descobrir o problema precocemente (DEUSCHLE E CECELLA, 2009). Por tais fatores as crianças com dislexia sofrem, pois acabam sendo diagnosticadas mais tarde.

No diagnóstico, deve-se realizar procedimentos que facilitam a determinação do nível funcional da letra, seu potencial e capacidade, a extensão da deficiência e os fatores associados ao desenvolvimento, recuperação e estratégias para o desenvolvimento do processamento neuropsicológico, além de visar à integração das capacidades perceptivas-linguísticas.

Ainda, segundo esses autores supracitados, as crianças poderão superar essas dificuldades com ajuda de adultos e profissionais da educação e da medicina, trabalhando com abordagem multiprofissional, que envolva família, escola e criança. Depois do reconhecimento do problema e do diagnóstico fonoaudiológico, deve ser

realizada uma análise da linguagem em níveis fonológicos, morfológicos, sintáticos e semânticos.

Alguns aspectos, se observados em alunos, podem ajudar a diagnosticar, de forma precoce, a dislexia. As principais características apresentadas são: histórico familiar de dislexia, alterações precoce na linguagem referente à articulação, dificuldade do aluno em compreender a leitura e a escrita, pânico quando a criança tem que ler em voz alta, ansiedade ao realizar testes, dificuldades em soletrar, dificuldade de aprendizagem de conteúdos que exigem a capacidade de leitura e escrita, não compreensão da ideia principal do texto, dificuldade de lembrar detalhes, confusão com letras, tais como “b” e “d”, trocas de fonemas surdos por sonoros, dificuldades com rimas metateses e epíteses, substituição de palavras com estruturas semelhantes. Esses e ainda alguns outros sintomas são evidências do distúrbio da dislexia (DEUSCHLE; CECHELLA, 2009).

Crianças disléxicas podem apresentar erros na leitura oral, como omissões, distorção ou substituição ou adição de palavras em frases ou letras dentro de palavras e também pode apresentar déficits na compreensão da leitura e apresenta dificuldades em recordar o que foi lido.

Como já dito anteriormente, a ajuda da família é fundamental para o desenvolvimento escolar do aluno com dislexia, visando melhorar a autoestima. Para tanto, é necessário oferecer carinho, segurança e compressão; também é sempre bom elogiar os acertos da criança e valorizar suas habilidades. A criança deve estar envolvida e esclarecida no seu tratamento, fazendo sentir-se uma colaboradora em seu próprio desenvolvimento e sucesso.

O aluno disléxico deve ser tratado com naturalidade como qualquer outro, mas o diagnóstico não deve ser usado para contribuir para a discriminação. O professor deve evitar situações que expõe o fato do aluno ser disléxico, mas contribuir para que o aluno seja aceito no grupo em sala de aula.

É preciso evitar pedir para que o aluno com esse distúrbio faça coisas, na frente dos colegas, que o deixe constrangido, envergonhado. Em vez disso, deve-se primar pela estimulação da aprendizagem fazendo uso de certos instrumentos auxiliares, tais como o aparelho gravador de voz, o método da tabuada, calculadoras eletrônicas, e outros recursos tecnológicos que estimulam o aluno pelo manuseio de determinados equipamentos ou pela aplicação de outros métodos (visuais ou auditivos, por exemplo).

Dessa forma, é importante que o trabalho com o aluno disléxico não se restrinja apenas numa adaptação curricular, pois cada aluno com dislexia, provavelmente, apresentará questões particulares na sua aprendizagem que poderá destoar dos demais colegas. Então, a figura do professor é sempre primordial nesse processo de diagnóstico e abordagem, buscando sempre criar um espaço de diálogo com esse aluno, de modo que o professor consiga compreender quais são as necessidades reais dessa criança e, a partir disso, aperfeiçoar seu método de trabalho.

Segundo a professora Sally Shaywitz (2006, p.198) alguns programas podem ajudar as crianças disléxicas. Os métodos citados pela profissional são: Reach, Orton-Gillingham, Wilson e LiPS. De forma sucinta, os parágrafos seguintes definem cada um desses métodos e sua aplicabilidade em sala.

- O Programa *Reach*: foi desenvolvido para os alunos de 4ª série, e para o ensino superior. Basicamente, o programa é voltado para alunos que não dominam as ferramentas e os mecanismos necessários para uma boa aprendizagem do idioma. Ele tem como foco uma abordagem ortográfica utilizando o ensino de prefixo, sufixo e radicais e apresentando uma metodologia na formação de milhares de palavras, e também no mesmo tempo explicando a sua origem e seu significado.
- O Programa *Orton-Gillingham*: desenvolvido para alunos mais velhos. Utiliza-se de métodos mais diversificados que visa o aperfeiçoamento da criança quanto à pronúncia, identificação de palavras e soletração juntamente com a prática da leitura. É altamente estruturado e sistemático, envolvendo todos os sentidos no desenvolvimento de uma consciência fonológica a alunos mais velhos.
- O Programa *Wilson*: se concentrou no ensino da consciência fonética, decodificando a ortografia e, em pequeno grau, a compreensão. Destina-se, também, a um público mais velho, exigindo o domínio de algumas regras básicas e certas características para se trabalhar com a consciência verbal do aluno, estimulando o aluno com a prática de exercícios próprios do programa. Para tanto, é indispensável que instrutores treinados façam uso desse método, a fim de que se possa ter um melhor aproveitamento do método.

- O Programa *Ospell Read*: foi um programa desenvolvido para pequenos grupos e tem como objetivo desenvolver a capacidade da criança em identificar automaticamente os sons.

Todos esses programas citados foram desenvolvidos para ajudar os disléxicos a superarem suas dificuldades e as adversidades que surgirão à sua frente. É importante ressaltar que cabe ao docente buscar aprofundar seu conhecimento frente a esses métodos, o que não é o propósito aqui.

Também, deve-se enfatizar que a ajuda da equipe de profissionais especializados, bem como da família, são indispensáveis nesse processo. Somente assim o aluno disléxico conseguirá superar as barreiras que surgem no decorrer da vida, em casa, na escola ou em qualquer outro ambiente social.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse trabalho foi realizada uma pesquisa bibliográfica para coleta de informações sobre o distúrbio de aprendizagem dislexia: suas causas, consequências e estratégias, a fim de melhorar a forma do convívio e do ensino. Família, escola, professores e disléxicos são os agentes desse processo de ensino-aprendizagem.

Nesse estudo pode-se confirmar que as causas da dislexia podem ser genéticas e neurológicas, e pode-se, então, concluir que este assunto ainda necessita de muita pesquisa para busca de novas informações quanto à melhor maneira de trabalhar para minimizar as dificuldades que os alunos possuem no ambiente escolar.

Contudo, com o desenvolvimento da presente monografia, foi possível observar alguns pontos determinantes no processo de diagnóstico e estratégias: primeiramente, e muito importante, é que a dislexia não deve ser motivo para se conceber o aluno como alguém não competente para a realização das tarefas as quais ele se dispõe a fazer; que a dislexia é um problema que pode ser tratado, embora ainda não tenha sido encontrada a cura para esse distúrbio; que é possível, através de um tratamento ideal, minimizar consideravelmente as consequências de tal problema.

Percebeu-se, ainda, que um dos fatores primordiais nesse processo de ensino e aprendizagem para o aluno disléxico é a forma como a escola articula a relação família, comunidade, professor e aluno, com um tratamento afetivo e respeitoso. Esse distúrbio pode ser identificado muito cedo no aluno, sendo que o tratamento é mais eficaz é quando o diagnóstico é feito ainda na fase da alfabetização. infelizmente, algumas escolas ou docentes não estão preparados para receber os alunos disléxicos e muitas vezes não possuem recursos didáticos adequados para aprendizagem dos alunos com essa dificuldade.

Cada vez mais se sente a necessidade de que os professores se aperfeiçoem em seu trabalho, o que é fundamental para se diagnosticar dificuldades de aprendizagem em seus alunos e para adotar estratégias eficazes para trabalhar com os disléxicos. Este estudo esclareceu com objetividade que o distúrbio de dislexia não se trata de um problema que pode ser superado a curto prazo, mas que é necessário um trabalho conjunto por parte da família, da escola e de profissionais

específicos, sendo adotadas diferentes estratégias de trabalho, de modo a proporcionar que o aluno disléxico sinta-se acolhido e parte integrante do processo ensino-aprendizagem.

Assim, de forma geral, foi possível alcançar o objetivo principal que é encontrar subsídios para se trabalhar com alunos com dislexia e que quanto mais cedo for identificado o problema, mais ameno será o problema e suas causas. Também, identificou-se que é necessário que as escolas se preparem adequadamente em relação à forma de se trabalhar, especificamente para o domínio e à aprendizagem individualizada, e que o estudo também auxiliam os docentes a coletar informações sobre o trabalho pedagógico, para que os sujeitos consigam viver de maneira melhor e desenvolver o processo de aprendizagem.

REFERÊNCIAS

BERBERIAN; **Formação continuada de professores VIII congresso estadual paulista sobre formação de educadores.** Universidade Estadual Paulista – UNESP: São Paulo, 1995.

WIPPEL, M. L.; FADANELLI, A. M. **Prática da fonoaudiologia na escola na visão dos fonoaudiólogos e professores atuantes na rede municipal de ensino de Curitiba,** *Jornal Brasileiro de Fonoaudiologia*, Curitiba, v. 4 (14), p. 21-31, jan/mar 2003.

COELHO, Diana Tereso **Dislexia, Disgrafia, Disortografia e Discalculia.** 2011. Disponível em: <<http://www.ciecuminho.org/documentos/ebooks/2307/pdfs/8%20Inf%C3%A2ncia%20e%20Inclus%C3%A3o/Dislexia.pdf>>. **Acesso em _Março de 2014.**

COELHO, M. T. *et al* **Problemas de Aprendizagem.** São Paulo: Ática Editora, 2000.

DEUSCHLE, Vanessa Panda; CECHELLA, Cláudio. **O déficit em consciência fonológica e sua relação com a dislexia: diagnóstico e intervenção.** *Rev CEFAC*, v.11, Supl2, p. 194-200, 2009.

FRANZEN, Gelson *et al* **Dislexia.** 2006. Disponível em <<http://www.psicopedagogia.com.br/artigos/artigo.asp?entrID=888,2002>>. **Acesso em Março de 2014.**

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa.* São Paulo: Paz e Terra, 1996

GARCIA, Alda Cristina B. **A importância do relacionamento entre professor e aluno no processo de aprendizagem.** Centro Universitário Nossa Senhora do Patrocínio – CEUNSP: Itu, 2012. Disponível em: <<http://br.monografias.com/trabalhos3/impressao-mono-capa/impressao-mono-capa2.shtml>>. **Acesso em Março de 2014.**

GARCIA, Jesus. **Manual de dificuldades de aprendizagem – Linguagem, leitura, escrita e matemática** Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

Gomes, Ádila Daiana dos Santos *et all* **Contribuições para uma melhor identificação da Dislexia no ambiente escolar.** Revista da ABPp: São Paulo, 2010. Disponível em: <http://www.abpp.com.br/artigos/106.htm> . **Acesso em Março de 2014**

GOMES, Ivone Alvino de Barros Dificuldades de Aprendizagem nas Séries Iniciais. **Brasília: Escola Superior Aberta Do Brasil Discaulia, 2010. Disponível em:** <http://pt.scribd.com/doc/54008200/Escola-Superior-Aberta-Do-Brasil-Discaulia>. **Acesso em Março de 2014**

JANJACOMO, Mariana. **Sete sinais de que seu filho pode ter dislexia.** São Paulo: Revista Veja, 2013. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/noticia/saude/sete-sinais-de-que-o-seu-filho-pode-ter-dislexia>>. **Acesso em Março de 2014**

JARDINI. R. S.R. **Método das boquinhas: alfabetização e reabilitação dos distúrbios da leitura e escrita.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

LANHEZ, M.E e NICO. M.A. **Nem sempre é o que parece: Como enfrentar a dislexia e os fracassos escolares.** São Paulo: Alegro, 2002.

LYON, G. A DISLEXIA COMO DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM , Universidade Candido Mendes Instituto a Vez do Mestre pós-graduação “lato sensu”. 2003. Disponível em:<http://www.avm.edu.br/docpdf/monografias_publicadas/T207253.pdf>. **Acesso em Março de 2014**

MACEDO. R. M. **Afetividade: Influência propulsora na formação de uma professora da educação infantil: memorial de formação / Maria Auxiliadora Santana.** Campinas, 1994.

OLIVEIRA, apud SOUZAM, A.T. EAD - Cursos a Distância. 1998, 2002. Disponível em: <<http://www.webartigos.com/artigos/conteudo-da-monografia/88608/>>. **Acesso em Março de 2014**

ORTON, **CONTRIBUIÇÕES PARA UMA MELHOR IDENTIFICAÇÃO DA DISLEXIA NO AMBIENTE ESCOLAR, 2004**, Disponível em: <http://www.abpp.com.br/artigos/106.htm>, **Acesso em Março de 2014**

SANTOS, Cleide Selma Pereira dos Santos. **Uma abordagem teórica sobre a importância do olhar sensível do professor sobre o aluno disléxico numa perspectiva de educação inclusiva**. VI Colóquio Internacional: São Cristóvão, 2012. Disponível em: <http://www.educonufs.com.br/cdvicoloquio/eixo_11/pdf/4.pdf>. **Acesso em Março de 2014**

SHAYWITZ, Sally **Entendendo a Dislexia**. Porto Alegre: Artmed, 2006. Disponível em: <http://www.avm.edu.br/docpdf/monografias_publicadas/c204105.pdf, **Acesso em Março de 2014**

VARELLA, Dráuzio. Distúrbios de linguagem Dislexia. 2011. Disponível em: <<http://drauziovarella.com.br/letras/d/dislexia/>>. **Acesso em Março de 2014**.